



N.º 69 - LISBOA, 5 DE MAIO

2.º ANNO 1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quintas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GEMIO LUSITANO, 86, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5000 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 15000 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Junho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOZIÇÃO

Minerva Peninsular

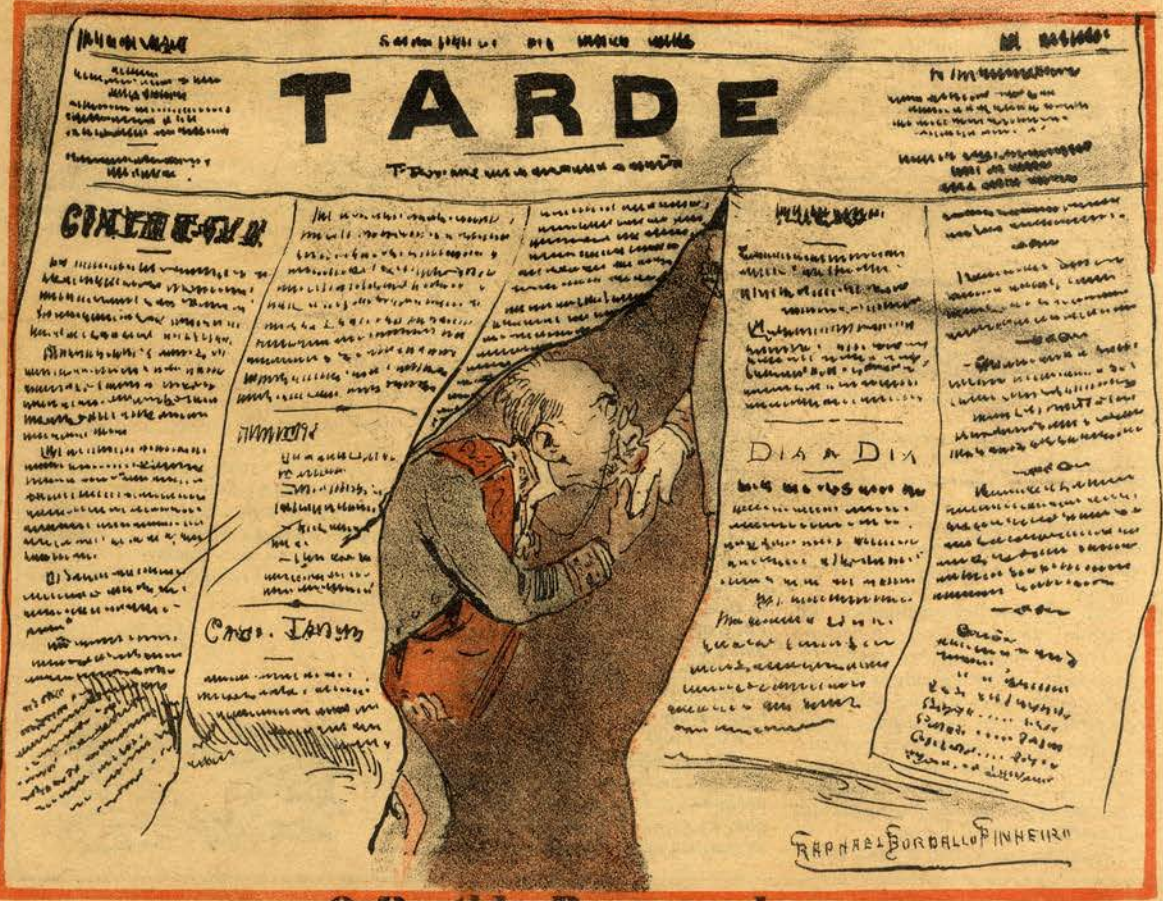
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

AS ANTE-CAMARAS DOS PARTIDOS



O Partido Regenerador

(Synthese... Ribeiro)

Machinas de compôr e machinas de pensar

A greve dos jornaes foi uma surpresa para toda a gente, porque nunca se suppoz que elementos tão contradictorios como são os jornalistas podessem por um momento ser da mesma opinião e estar d'accordo.

O facto resulta de que não foram os jornalistas que estiveram d'accordo: — foram os jornaes.

Sem duvida, os compositores typographicos declararam dirigir-se aos jornalistas no momento de lhes pedirem augmento de salario e de lhes increparem os seus excessos de *toilette* (porque parece demonstrado depois d'esta greve que os jornalistas capricham em vestir bem), mas não é menos certo que elles empregaram um pouco arbitrariamente a palavra — *jornalista* no seu conflicto de interesses com os jornaes.

O jornalista, na realidade, não é o jornal.

O jornal é uma industria, para exercer a qual não se reclama nenhum genero de capacidade litteraria, que suppomos ser a que deve attribuir-se aos jornalistas. O sr. Burnay, por exemplo, não é um jornalista e tem um jornal. O sr. Dias Ferreira é talvez mais um juriscoconsulto do que um jornalista — e tem, ou teve um jornal. Quer dizer: o facto de ter um jornal e exploral-o não conduz a um titulo de jornalista. Quando um jornalista é ao mesmo tempo proprietario de um jornal, elle é primeiro um industrial e só depois é que é jornalista.

Se os jornalistas estiveram portanto d'accordo, com surpresa do publico, é que elles não se harmonisaram como jornalistas, mas como proprietarios de jornaes.

Assim tambem os compositores typographicos equivocaram-se envolvendo na sua contenda com os jornaes, os jornalistas em geral, porque se é possivel que os jornaes estejam mais ricos do que elles, os jornalistas é que comprovadamente não o estão.

Com effeito, deprehendeu-se da contenda alludida que os compositores typographicos podem, mediante capacidade e trabalho, auferir um salario quotidiano oscillando entre mil réis e dois mil réis. Queremos admitir que só os trabalhadores privilegiados aufram estas vantagens e que, em regra, os operarios de typographia não vão além de uma media de mil e duzentos réis diarios.

De todos os modos, a sua remuneração é superior á que geralmente se attribue aos individuos que elles designam pelo nome de jornalistas, averiguado como está que toda a situação de jornalista superior a mil réis diarios, é considerada uma situação privilegiada.

Objectam, porém, os compositores typographicos e se não o fizeram poderiam tel-o feito, que a sua profissão é essencialmente exhaustiva, que a muitos d'elles conduz a uma morte prematura, provocada por excesso e más condições de trabalho.

Certamente assim é, embora outras profissões podessem invocar sobre esses perigos, os perigos resultantes dos chamados — accidentes do trabalho. O mineiro pôde, por exemplo, invocar o grisu e o pedreiro os andaimes mal construidos. O typographo está ao abrigo de quedas e explosões. Não importa! Elle allega uma fadiga comprehensivel e o justo receio de um fim igualmente desastroso. Mas, ainda debaixo d'este ponto de vista, collocando os jornalistas n'uma situação privilegiada, elles se equivocam, porque a sua situação não só não é privilegiada, como é, em mais de um ponto, equal á sua, senão mais lastimosa.

Admittindo que os jornalistas estão ao abrigo da tuberculose e bem assim das quedas d'andaime, elles estão comtudo expostos como os compositores typographicos aos estragos da fadiga, devendo porém, reflectirse que a fadiga dos typographos só se reflecte n'elles, emquanto que a fadiga dos jornalistas se reflecte tambem no publico.

Os trabalhadores manuaes tem, ao que parece, uma tão alta idéa do que seja o trabalho intellectual, que até certo ponto se recusam a admittil-o como fórma de actividade. Segundo elles, o trabalho intellectual é antes uma das fórmas da ociosidade. Quem não tem nada que fazer, por exemplo — pensa. Quem é absolutamente um ralaço — escreve.

Ora, isto não é assim. O trabalho intellectual, pelo facto de não ser exercido n'uma officina, em commum e com uma blusa de riscado, nem por isso deixa de ser trabalho. Muitas vezes, um homem deitado n'um soffá, de barriga para o ar e parecendo dormir — trabalha. Foi assim que Torcato Tasso concebeu a *Jerusalem Liberada* — a dormir, d'onde provém talvez que não podemos lêr este poema, sem pegarmos no somno.

Aqui está. Mas o trabalho intellectual é, mais do que nenhum outro, exhaustivo, porque é o que estanca na sua origem as proprias fontes da vida. Não se morre tysico, mas morre-se parvo,

que é peor, quando se não morre de consumpção pelo desespero da infelicidade, da mediocridade e do insuccesso. O estímulo do trabalho manual é o corpo. O estímulo do trabalho intellectual é a alma, e estas diferenças devem ser levadas em conta na historia das luctas do homem.

Os jornalistas, em geral, quando não abandonam á cautella esta profissão para adoptar outras mais commodas e lucrativas, nunca passam da cepa torta. Não fazem fortuna e não conhecem sequer o que se chama — o bem-estar. Os senhores compositores typographicos accusam-n'os de se vestirem bem. Deviam antes lastimal-os. Os senhores compositores tem talvez a vantagem de se poderem vestir mal. Elles, nem essa. Jornalista que não se apresenta no jornal pelo menos com uma duzia de camisas, cahe *in-continenti* em desqualificação.

As questões de justiça não devem ser apreciadas no ponto de vista da roupa branca; mas tão certo é que os jornalistas são n'este caso objecto de um erro de apreciação, que mesmo n'esse ponto de vista elles logram senão vantagens, pelo menos equaldade de tratamento.

Accrescente-se a estas razões, que, emquanto os typographos constituem uma classe, os jornalistas estão longe de a constituir. O typographo é o typographo, mas o jornalista é — toda a gente. Deem a um jornalista, dizia Camillo, tudo quanto é preciso para fazer umas botas, e o jornalista não saberá dar conta do recado; mas deem a um sapateiro uma penna, um tinteiro e um caderno de papel, e elle, ou mal ou bem, fará um artigo de jornal.

O typographo defende-se. Faz a greve.

O jornalista não tem defeza.

N'estes termos, o equivoco dos typographos foi evidente.

Entre typographos e jornalistas, no ponto de vista da equidade e da distribuição da riqueza, não ha sensiveis diferenças.

A unica vantagem dos jornalistas é não terem podido ainda ser substituidos por uma machina de pensar, como os typographos já o foram por uma machina de compôr.

E' a sua vantagem e a sua desforra.

JOÃO RIMANSO.



Causas e effectos

O' progresso!
Uma loja da rua da Assumpção (não lhe levamos nada pela réclame) publica nos jornaes o seguinte annuncio:

«A loja Sol, R. da Assumpção, adquiriu para Portugal o exclusivo da venda de uma nova retrete ingleza authentica, que vende completa, com autoclysmo potente, tampo de mogno reforçado e descarga dupla».

Mechanismo tão prestimoso, não hesitamos em recommendal-o—mesmo de graça.

Com effecto, até hoje as retretes tinham tudo. Tinham o autoclysmo potente; tinham mesmo o tampo de mogno reforçado. O que porém não tinham era a descarga dupla. A carga dupla é uma completa novidade. E', ao mesmo tempo, a causa... e o effecto.



Agencia de trasladações

Volta a falar-se, na imprensa da provincia, da necessidade moral de realizar a trasladação dos restos de Camillo Castello Branco para o Pantheon dos Jeronymos. Uma folha de Fafe pede com muita insistencia que a trasladação se faça, e nós associamo-nos á idéa.

Tomamos porém a liberdade de propôr que a respectiva cerimonia seja posta a concurso, para que não aconteça com ella o mesmo que aconteceu com a cerimonia da trasladação de Garrett, adjudicada aos Srs. Conde de Valenças, Silva Leal e Alberto Bessa.

Lembramos tambem que para o caso se aproveitem alguns elementos que da trasladação de Garrett ficaram em muito boim estado, e que bem podem tornar a servir, a saber:

O discurso do Sr. Malheiro Dias, que estava feito, mas que não chegou a servir, podendo agora utilizar-se mudando-se-lhe apenas as citações que nelle havia do *Arco de Sant' Anna* para outras citações do *Brasileiro de Fransins*;

As botas de verniz que o académico Sousa Monteiro mandou fazer expressamente para acompanhar o prestito, e que só precisam meias-sólas e tacões para poderein figurar na homenagem a Camillo;

Alguns representantes de diversas camaras municipaes, que fixaram residencia em Lisboa de proposito para tomar parte em outros prestitos, por lhes valer isso muito mais a pena do que andarem para baixo e para cima nos comboios de cada vez que se trasladasse para os Jeronymos um homem celebre...

Etc., etc.

A assistencia publica

O' ultimo regulamento dos serviços da Assistencia dependentes do Ministerio do Reino estabelece, entre muitas outras curiosas disposições, que o soccorro em remedios não seja prestado unicamente por effecto de receita medica, tornando-se preciso apreciar prèviamente quaes as condições em que o doente se ache.

Assim, temos:

O doente:— Isto está muito mal, senhor doutor. Pouco appetite, vertigens, estonteamentos, muito sorono quando acabó de comer, e a barriga dura como uma pedra... E ha oito dias que nada!

O medico:— Não ponha mais na carta... (escrevendo) Recipet: Podophyllo, dez grammas—Extracto de meimendro, dez grammas—Sabão medicinal, vinte grammas. Em uma pilula e mais nove... (Ao doente) Tóme uraa pilula d'estas antes de cada refeição, e ande bastante.

O doente dirige-se então com a receita á Direcção Geral de Saude e Beneficencia, para que lh'a mandem aviar por amor de Deus.



— Não é cá em baixo! diz-lhe o primeiro continuo a quem elle se dirige. E' lá em cima.



— Não é por esse corredor— diz-lhe um segundo continuo. E' por aquelle!



— Isso não é aqui! diz-lhe um outro. E' sempre por ahí fóra, lá ao fundo.



— Não é d'este lado! diz-lhe ainda outro. E' do lado de lá, voltando a sua esquerda, a segunda porta...



Quando o pobre hómem chega a atinar com o Conselho Superior de Beneficencia, já está levantada a sessão.

No dia seguinte, anniversario da Outorga da Carta, é feriado.

No outro dia, é domingo. Na segunda-feira, enterra-se um director geral, e vae tudo para o enterro.

Na terça-feira é dia aziago, e o pobre diabo, que já traz consigo tanto azar, não se atreve a voltar lá nesse dia.



Na floite da terça para a quarta feira, sente-se peor, tem um volvo complicado de beneficencia aguda, e estica!

AS ANTE-CAMARAS DOS PARTIDOS

N.º 7.282

Quinta-feira 20 de Junho de 1934

Av. da Liberdade 148/149

CORREIO DA NOITE

Publicado todos os dias, exceto nos dias de festa e feriados, e nos dias de greve dos trabalhadores da imprensa.

RUA DO ADEPHANO - ADMINISTRAÇÃO - RUA DE S. LUIS

Preço de venda: 100 réis. Preço de subscrição: 10.000 réis por trimestre.



o partido Progressista

O animatographo de Lisboa

—Maria!



—Minha senhora...

—Vocemecê vae agora ás compras. Traz 750 grammas de carne para assar, mas que não tenha muito osso, nem muito nervo. Veja lá!

—Sim, minha senhora.

—Traz tambem um kilo de batatas. Mas que sejam francezas, ouviu? Não me traga cá d'aquellas do outro dia, que estiveram a coser quatro horas e não ficaram cozidas.

—Sim, minha senhora.

—Se encontrar um molho bom de espinafres, traga tambem.

—Sim, minha senhora.

—Cebolas, ha?

—Cebolas já não ha, minha senhora. A ultima que havia foi a que hontem dei á senhora para a fazer chorar á hora do senhor vir.

—Bem, então traga tambem um kilo de cebolas. Mas não se demore. Tome lá oito tostões.

—Sim, minha senhora...

—Ah! é verdade... Quando vier para cima, passe pela modista dos chapéus e pergunte se já está prompto o chapéu que eu lá deixei a arranjar na segunda feira. Se estiver, pague e traga-o. São seis tostões.

—Então este dinheiro não chega, minha senhora...

—Não chega?! Ora essa! Então quanto custa a carne?

—Setecentas e cincoenta, sem muito osso, boa para assar, desasete e meio.

—Com um pataco de batatas, são desenove e meio. Outro pataco para as cebolas e os espinafres...

—Um pataco?! Adonde, minha senhora? Um pataco só p'rás cebolas; estão já a pataco cada kilo.

—Pois sim, põe lá os tres vintens. Com desenove e meio, são quatrocentos e cincoenta...

—Com seis tostões do chapéu... veja lá a senhora!

—Tens razão. Vae então primeiro pela modista dos chapéus. Se estiver prompto, paga sempre, e não compres então a carne. Arranjam-se uns carapaus!



Estatistica e ovos!

O *Commercio do Porto*, comparando dados estatisticos de importação e de exportação, chega a algumas conclusões que se nos afiguram do peor symptoma.

A respeito d'ovos, por exemplo, nota elle que a exportação effectuada pela praça de Lisboa durante o mez de Março ultimo foi de 16.550 duzias, num valor representativo de 3.091.7000 réis, ou seja o equivalente a 8.275 omelettes. Nestes numeros, observa o referido jornal, não foram comprehendidos os ovos molles de Aveiro.

Vêr sair tanto ovo é de arregalar



o olho! diz elle. Mas se compararmos a quantidade que pozémos no Estrangeiro, por todo o Continente e Ilhas, em 1903, com os que pozémos no anno anterior, resulta que em 1902 houve uma differença para mais de 2.654 milheiros de ovos.

«O que devemos pois concluir d'aqui?» pergunta o *Commercio do Porto*.

Ora, o que devemos concluir!

Que no anno passado pozémos muito menos ovos.



Noticias da guerra

Telegramma de Paris, para a imprensa de Lisboa, informava ha dias «que o almirante Jeresson mantem communicações radiographicas com Vladivostock».

Noticias posteriores esclarecem, porém este caso.

Segundo parece, tendo presentido a approximação da esquadra japoneza, e ao mesmo tempo que recolhia precipitadamente a Vladivostock, o almirante Jeresson transmittia para este porto, o seguinte telegramma pelo telegrapho sem fios:

«Inimigo á vista. Raios o partam».

D'ahi o dizer-se que o almirante em questão se servira da radiographia.



Nos groque...

As *Novidades* publicaram um dia d'estes um curioso artigo dando-nos a impressão do regimen despotico a que está submettido o jornalismo na Russia.

Entre outros precalços a que estão sujeitos os jornaes russos — refere aquelle interessante jornal — figura o de receberem a todo o instante de parte da policia, listas dos assumptos que não podem tratar.

E' isto — perguntamos nós — um acto de despotismo?

Se o é, nós imprensa portugueza não gosamos de mais vantagens do que a imprensa russa. A differença está em que a nossa policia já não nos envia listas dos assumptos que não podemos tratar. Nós já os conhecemos e temos o cuidado de não os tratar.

O que deprehendemos do artigo das *Novidades* é que a unica vantagem que a imprensa portugueza leva sobre a imprensa russa é não ser periodicamente deportada para a Sibéria.

Em Portugal, em materia de liberdade, não se apanha frio.

Quando se apanha alguma coisa — é um calor.



O fatal feminino

Uma d'estas noites, no Gremio Literario, falava-se de Garrett, e da sua obra, quando appareceu o Sr. Marquez de Franco, querendo metter tambem a sua colherada.

—«Conhece a *Joaninha dos olhos verdes*, ó Marquez?» perguntou-lhe de surpresa um dos do grupo.

E o Marquez, sorrindo, e repenitendo com os dedos sobre o lado do coração:

—«Já cá canta!»



De borla

Graças a uma sabia medida do novo governador civil sr. conde de Sabrosa, a bengala foi readmittida nas salas dos theatros.

Consta-nos que na mesma ordem de idéas vão reaparecer nos theatros os chapéus das senhoras e as bronchites chronicas, que até aqui era costume deixar no bengaleiro.



Phenomenos

Dando noticia de alguns trabalhos que teremos occasião de vêr na proxima exposição de bellas-artes, diz um jornal que o illustre pintor Fulano nos apparece este anno com duas cabeças.

O lugar d'este pintor não é pois na exposição de bellas-artes. E' em Alcantara, na feira, como as gallinhas de tres pernas.



A triste situação

Um novo monopolio se annuncia
Para assim requintar nossa tortura :
Ao pão, de que fazemos a fatia,
Não bastava a maldita serradura !

Se o pão, usualmente, era roubado
Para a ganhuça erguer o seu trophéu...
Depois do monopolio combinado,
Que comeremos nós, ó Pae do ceu ?!

Vae a gente metter dentro do buchô
O que agradar ao padraal capricho :
Talvez queiram vender por pão de luxo
O que se deita no barril do fixo !

E os tributos pesando como cargas,
Sem sabermos qual d'elles mais galopa...
E o Zé a chorar lagrimas amargas
P'lo pão de munição da antiga tropa !

Uns a dizerem que não ha navios,
Outros que a nossa tropa se amacanja...
E os mijaretos, varios nos feitos,
Esguichando em louvor de heroes da estranja !...

Mas não falta quem ria entre estes males
Porque a doce esperanza hoje lhe acode ;
E tange em seus trombones e tymbales
Os hymnos da ventura e do pagode !

Mas que corra o marfim na Lysbia amada
Porque as coisas podiam ser mais tortas:
Inda não falta gente a uma tourada,
Inda o Zé ao domingo vae ás hortas !

Inda o fado se escuta na taberna,
Inda o piano em salões quebra o touthço,
Inda o não-nos-ralemos nos governa...
Louvado seja Deus, valha-nos isso !



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Faz-se publico que desde 15 de Janeiro de 1904, serão vendidos bilhetes directos de todas as classes, em servico combinado, entre as linhas do Sul e Sueste e as da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, quer pela via Barreiro-Lisboa, quer pela via Vendas Novas-Setúbal.

Serão igualmente accetidas expedições de toda a especie em grande e pequena velocidade por qualquer das duas vias, pelos preços das tarifas geraes ou e precizes mais baratas, applicaveis a cada percurso.

São, entretanto, exceptuados dos transportes pela via Barreiro-Lisboa, os seguintes :

Cães, vehiculos em grande velocidade, transportes funebres, toticos, annuaes não domesticos, material circulante, retorno de taras vastas, mercadorias a granel volumes de peso até 10 kilos expedidos pelas tarifas n.º 8 de grande velocidade de ambas as Administracões e todos e quaisquer transportes de ou para o Rainal de Cascaes.

O D. G. da Companhia

Chaguy.

EXPOSIÇÃO DE CANDIEIROS

O grande armazem de candieiros de José de Oliveira & Barros

21, 22, Largo de S. Domingos, 23, 24
Inaugurou já as novas dependencias com uma magnifica exposiçõ de artigos da sua especialidade, taes como :

- Candieiros e lustres para gaz, petroleo, azeite, velas e acetylene.
- Magnificos vasos e columnas de majelica.
- Tinas, lavatorios, esquentadores a gaz para aquecimento d'agua.
- Tubos de borracha e de lona.
- Tuipas, globos, abat-jours.
- Louça de ferro esmaltado.
- Objectos proprios para brindes.
- Pertences para o acetylene.
- Apparehos de retores, bidets, etc.

21, 22, L. de S. Domingos, 23, 24
(Todo o predio)
Lisboa



Ouvresaria e Relojoaria

com officina annexa de fabrico e reparacões

FLORINDO
JOIAS COM balhantes PREÇOS Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRACA DOS RESTAURADORES, 16



ORTHOPEDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS

e aparelhos orthopédicos

DE **MANOEL MARTINS**
FORNECEDOR dos Hospitales Civis, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, etc.
154, Rua de Magdalena, 154-A
(Antiga CALÇADA DO CALDAS,
PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA)
LISBOA

SÓ

Na Rua da Prata, n.º 161, Esquina da ran da Victoria, 34

Ha as grandes pedrinhas. SERVICOS de electro pra teado, 3 peças por 2500 para 12 pessoas, 3000. Muitos outros artigos enegados dos principaes fabricantes U tuma novidade para brindes, de Paris, Londres e Allemanha.

Rua da Prata 161, Esquina da Rua da Victoria



CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia

José Nunes dos Santos

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephonic 226—Endereço telegraphico Papeleto

PAPELARIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos p'ceiros nas escolas.

TYPOGRAPHIA

Trabalhos typographicos em todos os generos. Impressões a cores, ouro, prata e sobre selim.

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141

Officina typographica: R. das Gaveas, 69

LISBOA

Goarmon & C.ª

Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos.
Azulejos em Faiança e Cartão.
Tijolos em Cimento.
Telha e Escama vidrada.
Quadros e ornatos para Chalats.

21—T. do Corpo Santo—Lisboa

Catalogos sob requisição

JOIAS

ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, castellas do Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

Objectos de ouro e prata

com a marca da lei

GRANDE ab timento em todos o objectos Relojoiros reguladores com despertadores desde 690 réis até 1200 o. Ditos de alibeira em prata e aço desde 28000 até 35000. Ditos de ouro para senhoras desde 58200 até 208500 réis. Correntes e cadeias só pelo peso e sem feito. Brincos de ouro desde 550 até 6500 Anéis desde 550 réis até 3500, etc., e muitos mais objectos com preço marcado. Só nesta casa se vende barato.

163, Rua de Palma, 155

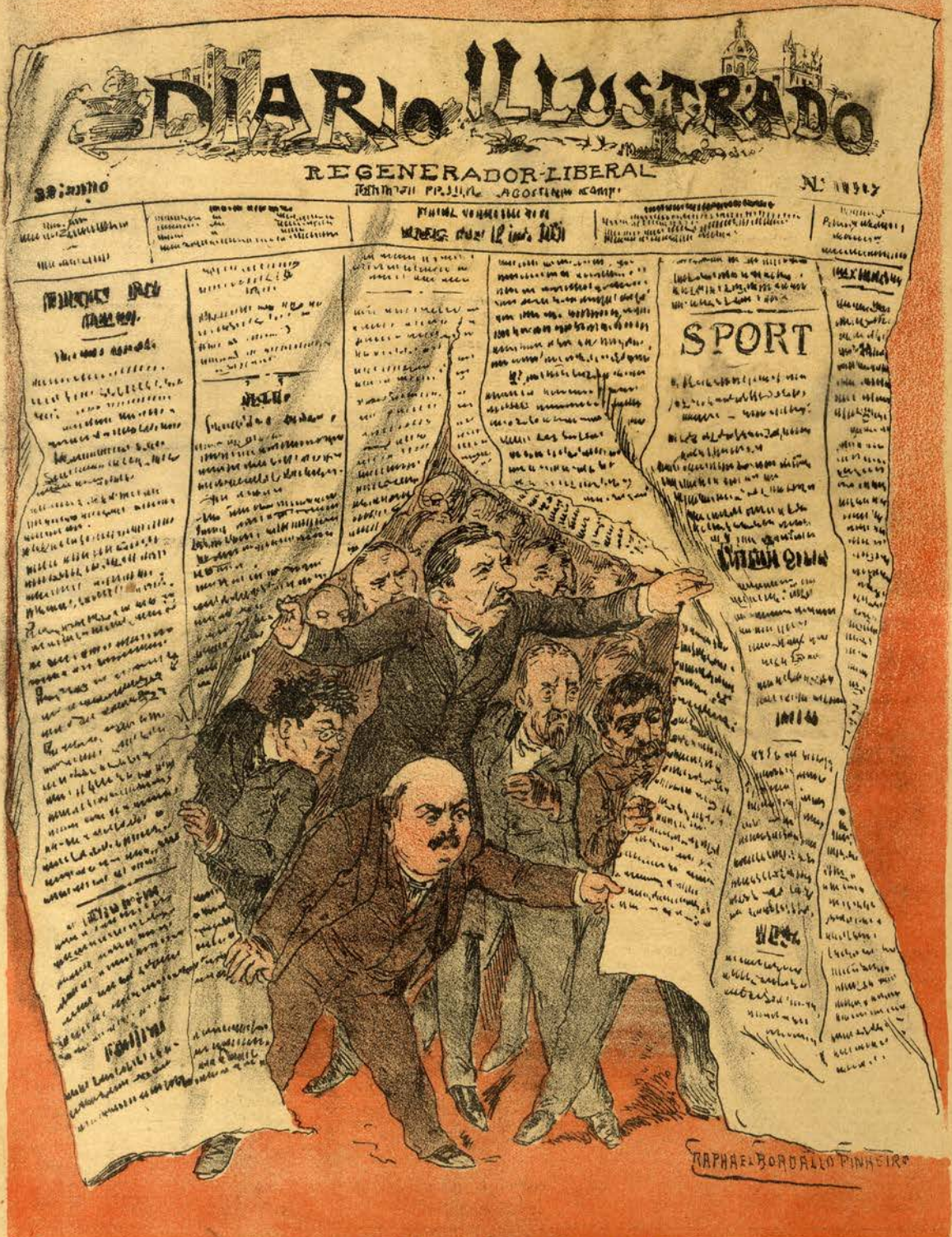
(Junto á egreja do Soccorro)



FATOS em Paletot de 45000 a 250000
FATOS em Frak de 120000 a 320000
FATOS em Sobrecasaca de 160000 a 350000
FATOS em Casaca de 200000 a 360000

na Casa das thesouras
51—Rua da Escola Polytechnica—55
JOSE CLEMENTE

AS ANTE-CAMARAS DOS PARTIDOS



O PARTIDO FRANQUISTA

(Esperando os acontecimentos)